

## Reflexão sobre a Escola

O ANO lectivo aproxima-se do seu derradeiro suspiro. Época de aflições, não só para os estudantes que deixaram reinar até ao fim a indefinição sobre o aproveitamento e jogam agora, enervados, as últimas cartadas, como para quem tem que decidir, perante resultados e prognósticos, o próximo futuro dos mesmos. É o que nos acontece a nós, pais de muitos filhos, em geral desfasados pela idade dos níveis escolares, para alguns dos quais a Escola constitui um risco de adiamento de uma preparação para a vida que os posicione favoravelmente diante do mercado de trabalho em que terão de ingressar dentro de poucos anos.

Não foi tanto assim quando a Escola era mais exigente na qualidade do aproveitamento e menos na quantidade de anos da frequência obrigatória.

A possibilidade de aprovação com três disciplinas negativas; a pressão vinda de cima para a apresentação de resultados estatísticos de sucesso; a benevolência de alguns professores — fazem que alunos chegados ao terceiro período com cinco e seis negativas nos dois períodos primeiros, alcancem milagrosamente a positividade nas disciplinas que excedem o limite de três. E, assim, coxeando, vários chegam ao 9.º ano com um património de conhecimento eficaz inferior ao 4.º de há muitos, muitos anos.

Será que a escolaridade obrigatória é mesmo para atingir níveis de saber e capacidade de pensar superiores aos da obrigatoriedade anterior?, ou será só para entreter o tempo? Não transparece a verdade no sistema.

Quanto a nós, quando a escolaridade obrigatória terminava mais cedo, a tempo de não atropelar gravemente uma preparação profissional, era costume pedir aos que desejavam prosseguir estudos que distinguíssem entre «ser estudante» (um estatuto sempre apetecível) e «querer estudar». E a estes exigia-se depois uma aplicação que fundamentasse um sucesso autêntico, vindo deles e não de fora deles, de estruturas que perseguem sucesso a todo o preço. Se correspondiam, óptimo. Se não, voltavam ao estatuto de «não estudante», a tempo de uma aprendizagem que os habilitasse a ganhar honestamente a vida.

Quantos destes rapazes são hoje pais de família, desempenhando validamente a sua função social em todas as áreas do seu viver! E alguns, estimulados pela sua própria experiência, rumaram depois a voos mais altos e ocupam hoje postos que merecem plenamente pelo esforço que investiram para a sua promoção.

A nossa Escola, como tantos Projectos de formação profissional que por aí proliferam encostados a Fundos que têm de ser gastos seja como for, é equívoca. Com o ser um dever de cidadania para os que a frequentam, certamente pela deficiência de formação integral nos valores que constituem e alimentam a consciência dessa cidadania, aparecem como uma *chaticce*, à qual se faz o favor de aceder, favor imposto e por isso mal querido.

Continua na página 4

O VÍTOR vai fazer catorze anos, é inteligente, muito sabido e com uma perspicácia capaz de adivinhar o que virá no dia seguinte. Quanto à escola é que as coisas estão mal. Talvez este ano faça a terceira-idade. Naturalmente que a culpa não é só dele, dado que chegou a estas andanças muito tarde. Desde há mais de um ano me diz que, aos quinze, vai deixar a escola para sempre.

Tento utilizar todos os meus argumentos a favor da escola. Normalmente a minha argumentação é um fracasso. Invariavelmente às conversas terminam: — *Estamos bem na Casa do Gaiato, mas não deveria haver escola.* Ou então: — *A gente não está ali a fazer nada. Não se aprendem coisas.*

Tentando indagar que coisas são, as respostas não são

## Um grave problema

muito precisas: — *São coisas, coisas para a gente fazer, coisas para a gente aprender.*

Existem centenas e centenas de «Vítors» no nosso País e, sobretudo, nos arredores das nossas cidades. A escola não lhes está adaptada e não cria alternativas credíveis para eles. A todos se pretende enfiar um carapuzo único, feito em série, quando as cabeças são diferentes. Será que ao menos vou conseguir, já dentro de expedientes educativos e fora do contexto normal, que ele faça um ciclo prepa-

ratório, ou, como se diz, o segundo ciclo do ensino básico? E, depois, o que se segue?

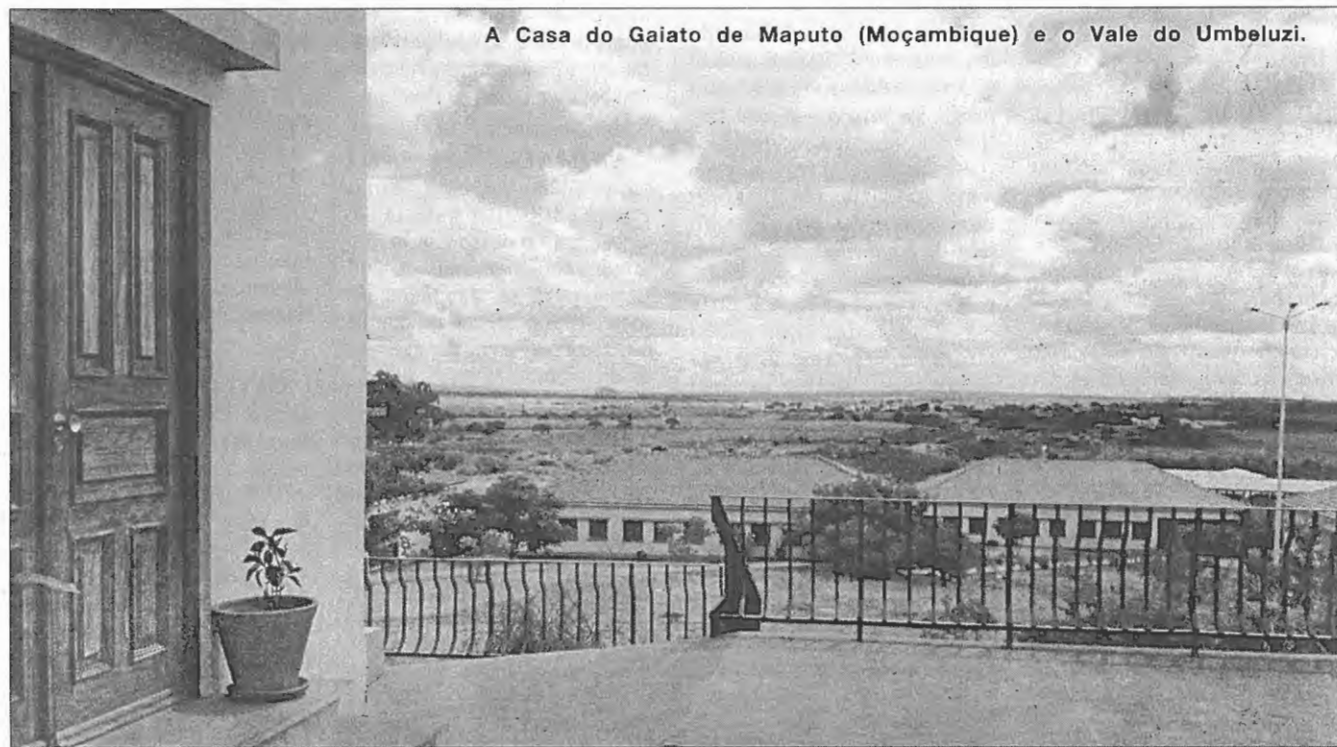
Neste momento, o nono ano está estabelecido como a escolaridade básica e tudo se organiza a partir daí: cursos profissionais, empregos, carta de condução, etc. E quem não consegue o nono ano?, que saídas?

Há dias, numa *mesa redonda*, ouvi uma senhora do Ministério da Educação ligada ao Ensino Básico dizer que já se estavam a aperceber do problema. Nasceu em mim uma centelha

de esperança. Quando virá a reflexão profunda? Estas coisas são muito demoradas e os agora meninos passam a jovens e, depois, possivelmente a desempregados, para não tornar a nota mais negra porque o trajecto pode ser muito mais sinuoso e destruidor.

Porque é que o Ministério só agora começa a aperceber-se do problema? Em Portugal publicamos leis mas, depois, não utilizamos mecanismos para as fazer cumprir.

Continua na página 4



A Casa do Gaiato de Maputo (Moçambique) e o Vale do Umbeluzi.

### MOÇAMBIQUE

## Visita do Primeiro-Ministro

HOJE, tivemos à nossa mesa o Primeiro-Ministro. Várias vezes nos tem visitado, mas só tinha almoçado connosco na Massaca. Os rapazes esmeraram-se no preparar da refeição e durante ela. Só no fim, um pouco descuidados, fizeram algum barulho com os bancos.

Não deixei de comentar o cuidado que temos tido em ensiná-los a serem discretos. Fiquei surpreso quando ele me disse que um filho seu, a estudar

no estrangeiro, a primeira coisa que aprendeu durante toda a primeira semana de interno, foi a sentar-se e a levantar-se sem fazer barulho com a cadeira. Gostei. Depois, soube que alguns dos visitantes do Club de Paris — que expressamente recomendou viessem a nossa Casa — acharam que tínhamos os rapazes instalados com luxo. Que assim não estimulava os doadores. Ao que respondeu: — *Mas eles estão a educar para amanhã,*

*como vão fazê-lo na pobreza, sem ambiente adequado?!*

Este é um tema que até me magoa. Se todo o mundo fica encantado com a beleza que Deus aqui guardou para eles, como me atreveria a desfigurar? De resto, o luxo estaria no excesso, no requinte da construção, nos seus acabamentos, no equipamento interno, nos materiais caros — o que não acontece.

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**VIÚVAS** — Chegou o recado duma aflição:

«Venho pedir uma ajuda para a minha mãe que está na cama, empregada (entrevada), com a chuva a cair-lhe em cima porque alguns barretes do telhado estão podres.

A pensão de sobrevivência é muito pequena. Não chega para as fraldas. Nós, os filhos, temos poucas possibilidades. Os remédios são muito caros. Falo eu por minha mãe porque ela não pode escrever, não sabe, e também derivado à doença.

Fomos ver a viúva. Há vinte anos demos-lhe a mão para acabar essa mesma casa que ainda está com bom aspecto, excepto o telhado que abateu um pouco por via da madeira.

Ela sofreu um acidente vascular cerebral que a prostrou. Ainda nos reconhece, mas com dificuldade.

Deixámos dito à filha que pedissem um orçamento da obra. Ela adiantou: — A gente também ajudamos! Quando acabarem o trabalho daremos algum, de nossa conta.

## CARIDADE E JUSTIÇA SOCIAL

— Esse tema foi objecto duma «Jornada de Formação Cristã», algures, tendo por convidado um professor de Economia que, em tempos, nos fora apresentado. Ele é responsável duma instituição que aglutina outras — geridas por voluntários — centradas especificamente no *Desenvolvimento comunitário e regional*.

O dito professor aplica grande parte do seu tempo a trabalhar e a acompanhar projectos de desenvolvimento na comunidade, nomeadamente vocacionados para os mais pobres e marginalizados.

A situação actual, quer no Mundo quer em nosso País — disse — é preocupante. «*Nalguns aspectos — acentua — em vez de termos melhorado, as coisas têm-se vindo a agravar, têm piorado*». O que é grave num final de século, quando há tantas coisas à nossa disposição (máquinas, novas tecnologias), é «*estarmos a piorar do ponto de vista social*».

Na sua opinião «*a resposta a esses problemas é possível, mas não é fácil; tem que ser uma resposta simultaneamente global, a nível da sociedade no seu todo, mas também a nível local*» — v.g. «*Cada freguesia cuide dos seus Pobres*», norma que Pai Américo lançou para a posteridade.

No último ponto da sua intervenção salientou que a Igreja, perante esta situação, tem responsabilidades particulares e é uma instituição com as melhores condições para ajudar a resolver os problemas. Apenas um terço da popula-

ção mundial vive bem. Os outros dois terços passam fome... Dramático é o facto desta miséria não ser só uma característica de países com poucos recursos, pelo contrário, existe também em nações ricas: Estados Unidos, Inglaterra...

«*Hoje, as grandes riquezas fazem-se numa 'economia de casino'. O dinheiro não se faz nas fábricas, mas nas salas de jogos e nos movimentos bolsistas mundiais.*»

Actualmente, a miséria não atinge só os mais idosos, também os jovens. Mais grave ainda, é que as carências não são apenas de ordem material, também de afecto, carinho, atenção.

Por fim, frisou novamente a importância da Igreja nesta situação: «*Todos juntos, temos que nos questionar como filhos de Deus. O que é que cada um de nós faz pela Justiça Social?*»

**PARTILHA** — Assinante 31254, de Fiães (Feira), presente com «*quinze mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que gostaria fosse para uma pessoa idosa*», por alma de seus pais. «*Pára a cada momento a olhar para as coisas belas*» — é um pensamento de W. Mare, no topo da missiva.

«*Em nome de minha mãe* — assinante 47307, de Juncal (Porto de Mós) — *envio pequena lembrança que será partilhada com os vossos Pobres.*»

Póvoa de Varzim: a assinante 26731 manda 7.500\$00 por «*intenção da alma do marido e por uma outra, particular.*»

Assinante 1121, de Vila Nova de Gaia, «*que já há muito devia ter escrito*» — disse — «*envia dez mil escudos para o que for mais preciso*». Boas melhoras.

«*Lembrando os aniversários de entes queridos*», a assinante

113, do Porto, presente com «*uma ajuda para o caso que, no momento, mais necessitem.*»

O cheque habitual da assinante 31104, de Lisboa, que «*sente sempre muita emoção quando manda qualquer coisa para quem precisa*». Alma grande!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO*, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## MOÇAMBIQUE

**OBRAS** — O centro da nossa Aldeia, a Capela, está a ficar bonita. Pedra sobre pedra, está chegando ao fim. Os pedreiros preocupam-se com os acabamentos e nós ajudamos a encontrar pedrinhas de cristal que abundam no campo e na serra para o pavimento à volta do Altar.

**MACHAMBA** — Os machambeiros não se cansam de lançar sementes. O milho, batata doce, alface e mandioca aparecem diariamente em nossa mesa. É tempo de preparar outras sementeiras hortícolas: batata e feijão no Pivot.

**ANIMAIS** — As nossas vacas estão a produzir, diariamente, 300 litros de leite. Chega para o nosso consumo e ainda vendemos mais de 200 litros para as despesas de ração. Elas precisam de muitos cuidados que os rapazes já aprenderam.

**ESCOLA** — Começámos o ano escolar em Fevereiro. Em Abril fizemos as primeiras ava-

liações e nem todos os resultados foram bons. Estamos em preparação para o fim do primeiro semestre. É preciso pedir coragem aos preguiçosos.

**FUGAS** — Este ano, quase não tivemos fugas! A Casa está cheia. Diariamente, os pedidos continuam. Os rapazes vêm da rua e custa muito ao nosso Padre José Maria dizer que não há lugar. Todos nós vamos ganhando consciência de que, se não aproveitarmos, estamos injustamente a tirar a oportunidade a outros.

**FRUTAS** — Durante três meses tivemos banana em abundância. Agora, vamos ter laranjas e papaia.

**DESPORTO** — Um grupo de 10 rapazes participaram de uma prova de Motonáutica oferecida pelo Clube Naval. Os nossos companheiros aproveitaram bastante. Foram admirados por quem os viu, porque foi a primeira vez que, em Moçambique, se praticou esse desporto. Foi, para eles, um sonho não sonhado — como disse o repórter da TVM.

**VISITAS** — Muitas pessoas nos têm visitado: um grupo do Canadá acompanhado do Embaixador; D. Duarte de Bragança e D. Miguel; nossos Amigos de Espanha; os Padres da Boa Nova e outros; o Primeiro-Ministro de Moçambique; o Conselheiro da Embaixada de Portugal; um grupo de senhores que trabalham no BCI; e outros que semanalmente nos visitam, ajudam e encorajam com o seu interesse por nós.

**CATEQUESE** — Este ano, temos um grande apoio do Seminário Maior. Semanalmente dois seminaristas vêm dar Catequese e ao mesmo tempo conviver connosco. Mas aquele que mais gosta de nós é o tio Custódio, que nos conhece há quase oito anos e optou vir para a Obra da Rua. Em Dezembro, já vai receber o diaconado.

Luís Carlos

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Numa das últimas reuniões foram lidas as contas da nossa Conferência. Podemos agradecer ao Senhor, pois se não sobrou, também não ficámos a dever nada a ninguém. Temos, de facto, motivo de sobra para agradecer ao Senhor, por mais um ano passado, sem problemas de maior.

Claro que não esquecemos a pronta presença dos nossos Amigos aquando de qualquer SOS por nós lançado nas colunas do «Famoso».

# Festas

## Setúbal

19 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de Sesimbra, SESIMBRA.

25 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.

26 de Junho — 21.30 h, Sociedade Capricho Moitense, MOITA.

Nestes tempos que atravessamos, de guerras e milhares de refugiados a necessitarem de ajuda, o Pai do Céu a todos cubra com o Seu manto de Misericórdia e de Amor.

É uma dádiva extremamente rara, que sentimos em momentos de dificuldades, mas a que nem sempre correspondemos como devemos, com o mesmo amor com que o Pai do Céu nos atende. Aquele amor que o próprio Jesus quer que tenhamos para com Ele e pelo qual se deixou pregar no madeiro da Cruz. É por este amor que trabalhamos a favor dos necessitados. É também, por este amor, que as vossas dádivas vão dando os meios para aliviar angústias e flagelos. Estamos certos de que não poderíamos fazer bem algum, se nos importássemos só connosco. Mas também estamos certos de que não poderíamos fazer bem algum se não confiássemos nessa ajuda. Sem as dádivas dos vossos corações.

Há pouco, fomos visitar o casal de velhinhos que são a nossa preocupação. E o que passámos para lá podermos chegar! Era o dia da *Queima das fitas*. Ela, a chorar, pois via o neto a merendar e dizia que não tinha de comer! Claro que não era bem assim. Problemas com a filha. Luz de cinco meses por pagar! — Como é possível?, perguntámos. Enfim, coisas da idade e de tantos problemas naquela casa, onde não há quem governe.

Vimos, há dias, um programa na TV que nos chamou a atenção. Falou-se sobre um grupo de pessoas que tentam resolver alguns problemas do chamado «Coração do Porto». Vimos e ouvimos as desculpas de alguém que se dizia responsável para poder resolver esses problemas. Disso tudo, ficou a impressão de que, dentro dos gabinetes, nada se resolve. Necessário, é visitarem as casas e verem como vivem as pessoas.

Temos a experiência dum caso: Há quanto tempo, uma senhora espera pela visita de uma assistente social da Câmara, para ver se resolve o problema da casa dela?! Se é que se pode chamar casa a um quarto que faz de tudo: cozinha, quarto, casa de banho, enfim, tudo.

É preciso que as pessoas se sintam honradas com o seu trabalho; sobretudo, pelo serviço

que podem prestar às comunidades. Mas não só...

**SAIBAMOS REPARTIR O PÃO** — Maria Helena, 20.000\$00. Mealhada marca presença com 10.000\$00. Anónimo, 5.000\$00. J.R.D., 2.000\$00. Assinante 17991, 25.000\$00. M.M., 11.000\$00. Assinante 59174, de Castelo Branco, 5.000\$00. Assinante 6762, do Porto, 2.000\$00. Leiria, pelas almas do Purgatório, 1.000\$00

Agradecemos e o Pai Américo, lá no Céu, interceda por vós, junto de Deus Pai.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

## TOJAL

**FESTAS** — Por este ano já terminou a *tournee*. Ao todo foram dez Festas. Conhecemos novos Amigos, visitámos outros, alguns até de longa data.

Só esperamos que, no próximo ano, a dose se repita.

**AULAS** — Mais um ano, alegrias para uns, tristezas para outros.

O ano lectivo terminou. Alguns atingiram os objectivos pretendidos; outros, tentarão novamente.

Agora só faltam alguns terminarem os exames.

**PISCINA** — Já está limpa e a encher. Alguns já sonham com os deliciosos mergulhos nas escaudantes tardes de Verão.

**FUTEBOL** — Agora que as aulas e as Festas terminaram, já temos um pouco mais de tempo para o futebol. Mas, para os treinos se completarem, faltam adversários, o que tem sido habitual. Se houver alguém interessado numa partida de futebol, estamos prontos.

Para marcação dos jogos, contactar por escrito: César Duarte Ferreira, Casa do Gaiato de Lisboa, Santo Antão do Tojal, 2670 Loures; ou através do telefone 01-9749019

Arnaldo Santos



Grupo da primeira Comunhão na Festa do Corpo de Deus em Paço de Sousa

## BENGUELA

# As bem-aventuranças

**H**OJE rezei o Evangelho das bem-aventuranças. Fico preocupado, mesmo aflito, quando este Evangelho passa por mim. Por vezes, não sei como fazer. Permanecer calado? Não pode ser. Falar à gente esfarrapada, faminta, miserável, doente e sem nada, que nos bate à porta, de manhã cedo até ao fim do dia; dizer-lhes que é feliz, apesar de tudo isso; como hei-de fazer? Às vezes, apetece-me chorar. Bem sei que a primeira bem-aventurança de S. Mateus está espiritualizada. Bem sei, também, que falar de Deus a estômagos vazios é muito complicado. Como fazer passar a mensagem? Falava, esta manhã, assim, a um grupo de pessoas consagradas.

Só quem vive as bem-aventuranças é capaz de as entender e é capaz de as pregar. Doutra modo, nada.

Ontem, à noite, uma pobre mulher com um filho às costas e outro no ventre veio pedir ajuda. Encostada à parede da casa-mãe com as lágrimas nos olhos, quer trabalhar no campo. Duas vezes trabalhou em nossa Casa. Outras duas foi para a sua terra na esperança de por lá ficar e comer do fruto da mãe-terra que lhe dá tudo. Mais outras duas vezes regressou e sempre nos bate à porta. É a guerra brutal que não deixa o povo em paz a trabalhar nas suas lavras.

Disse-lhe que sim, que viesse trabalhar no dia seguinte. A alegria voltou ao seu rosto ao saber que não vai morrer à fome, nem ela nem os filhos. As bem-aventuranças são felicidade quando levam a alegria aos Outros. Se experimentasses a verdade de que falo, a tua vida transformar-se-ia. Há coisas superiores que só se entendem quando se vivem.

Hoje, acordei mais tranquilo. Na véspera, tive a notícia da chegada de um camião de milho, do Lubango. Mais tranquilo, sim, porque é pão na mesa dos Pobres. De tão desvalorizado que está o dinheiro nacional, é preciso um monte de notas para liquidar a conta da preciosa carga. Já encomendei mais. Por este motivo ando de cabeça erguida.

## Crianças marcadas pela guerra

Em situação de tamanha desgraça como a que Angola está a viver, as crianças são das áreas mais atingidas. Quase todas as crianças estão marcadas pela guerra. Impressiona-me ver as crianças a fugir de um lado para o outro, ao menor sinal estranho, desconfiadas, ou a escondem-se por detrás das árvores e arbustos. A criança não é assim, por natureza. Os estragos da guerra não têm conta nem medida. É preciso reconstruir. Quanta atenção para não se dar passos em falso! O edifício humano requer artistas delicados e dedicados.

Há dias, o Zé dos «Batas» foi-se. E foi bem, penso. A pessoa com quem vivia, antes de vir para a nossa Casa, regularizou a sua situação. Julgamo-la capaz de assumir a responsabilidade que já antes tinha. Foram, afinal, circunstâncias pontuais, que julgámos definitivas, na altura, o motivo da sua vinda para a Casa do

Gaiato. Num gesto cheio de dignidade veio dizer-nos se podia retomar a sua responsabilidade perante o pequeno. Ficámos contentes porque foi bem. Depois, há doze rapazes à espera de entrar em nossa Casa, por falta de lugares. São nossos, de verdade. Tem sido muito difícil atendê-los porque não há saídas de rapazes. Estão ainda na fase da formação. Por outro lado, as condições sociais são horríveis para alguma tentativa de lançamento na vida por sua conta dos que estão dentro. Vamos aguardar e vamos-os dotando de mais alguma preparação. Toda a comunidade, neste momento, estuda e trabalha ou trabalha e estuda. É um factor de estabilidade. De contrário, seria muito mais difícil aguentá-la serena. Agradeço a todos os que nos ajudam a levar com decisão, por diante, a missão que nos está confiada.

Padre Manuel António



Eles juntam a serradura da carpintaria

## TRIBUNA DE COIMBRA

# Mundo de contrastes flagrantes

**A**S informações que possuía acerca do miúdo, eram suficientes. Tinha ficado mais ou menos elucidado com o volume do *dossier* de faltas disciplinares e outras que a directora de turma me tinha mostrado... Faltava-me conhecer o miúdo e fui à procura dele. Estava em casa. Era princípio de tarde. Do sítio onde estava podia abranger com os olhos o cenário encantador que o Tejo oferece ao espriar-se na sua foz. É talvez essa oferta da natureza que confere a Cascais uma luminosidade e beleza de rara feição. Não ia apressado, mas imerso neste mundo de contrastes flagrantes, quase que nem me tinha apercebido que o «Fim do Mundo» era ali perto, com outras feições.

Foi a mãe do pequeno que me abriu a porta. Lá dentro, de cabeça mergulhada entre as mãos e olhar imbuído no *écran*, estava o J.H. Totalmente alcoolizada, àquela hora da tarde, a mãe do pequeno, uma mulher dos seus trinta anos, ainda conseguia ir dando algumas explicações sobre a vida do rapaz. De quando em quando procura ilustrá-las com gestos desorganizados de carinho a que o rapaz, compreensivelmente, se furtava. São momentos inesquecíveis, estes. São ocasiões de uma realidade humana tão frágil a recordar leituras actualizadas do Evangelho.

Evidente, o miúdo não podia estar bem em lado nenhum. Não podia deixar de partir vidros na escola. Não podia deixar de saltar

redes e espancar os companheiros. Não podia deixar de sentir incómodas e inúteis as perguntas dos psicólogos. Ali estavam todas as razões da sua infelicidade. Por isso, foi fácil responder que sim quando lhe perguntei se queria experimentar um outro ambiente: a Casa do Gaiato. Nessa mesma tarde rodámos até Miranda do Corvo.

Os primeiros dias foram de repouso. Dormir até tarde. Exorcizar, com o repouso e o ar da serra, a mente inquieta pelas imagens de violência e pornografia vistas até altas horas da madrugada. Uma pequena experiência escolar deu-nos a conhecer um coeficiente intelectual bastante satisfatório.

Ao fim de três semanas,

uma fuga. Normalíssimo para quem nada mais fazia que fugir... Compreensível! Foi como se uma nuvem negra tivesse escondido o sol de um dia de Primavera... O rapaz quis regressar à família. A família, até então ausente, juntou-se com interesse desconcertante. O padrasto lidera e é ele mesmo que o vem buscar. A força está toda daquele lado. O que podemos nós? Manter a porta aberta como sempre. Foi o que prometemos. Nós não podemos ser de outro modo: *porta aberta*. Mas em matéria social, o caso dá que pensar pois os «J.H.», infelizmente, não se contam pelos dedos ou então andam viciadas as estatísticas.

Padre João

## DOCTRINA

*Vou mudar de mirante*



**V**OU mudar de mirante... De mirante somente, que não de panorama. A Obra da Rua vai ocupar-se na Capital do Norte precisamente dos mesmos trabalhos que tinha em Coimbra: apanhar Farrapos nas ruas. Já os tenho topado no turbilhão da cidade a informar sítios onde se come: — *Venha que ali há iscas!*

**E**NTRAMOS todos numa ampla sala onde imensos empregados comem, das suas cestas, os seus almoços. Os pequenos vão direitinhos ao homem que parte pães e entala iscas. Tomo algumas que não pago, porque alguém se adianta! Fora, fazemos as despedidas amigavelmente: — *Olhe, eu durmo nos portais. Se me quiser para si, leve-me que eu vou. Pela boca morre o peixe.*

**D**URANTE uma data de anos chamei daqui e fui escutado; o Evangelho é a Palavra actual, compreensiva, humana: Jesus Cristo e Homem Verdadeiro. Hoje, na despedida, agradeço fervorosamente aos apaixonados da Obra da Rua, aos indigentes, aos inimigos.

**N**OS meus dias do Gerês, onde estava gente do Porto, foi um tempo de chuva miudinha e penetrante a regar as almas. Não chegou bem a sete, mas passou muito dos seis contos; tudo esmolmas individuais, puxadas do coração. Uma mulher do nosso povo deu-me uma pequenina moeda. Ninguém deu tanto como ela e houve esmolmas de mil escudos!

**S**OMOS um mensageiro de Cristo, dispenseiro dos dons de Deus. Vamos como os apóstolos, tristes e cheios de tédio por tudo quanto vemos e ouvimos ao mundo, que não se tem na conta de alto responsável pela queda daqueloutro mundo a quem chamam baixo e que me custa levantar. Porquê? Porque tu não me ajudas e até prejudicas com os teus ensinamentos. Ai que se tu foras um livro aberto onde a gente das ruas pudesse ler e aprender o Bem...! Mas não. Se tu soubesses das queixas amargas que o Porto faz de ti; como ele diz mal da tua vida e da sua sorte: — *Queimam o nosso pão nas cinzas de um charuto, bom Padre!* E outros gritos de dor resignada, feita do teu muito gozar. Revolucionário pacífico que sou, muito tenho que sofrer para poder chorar com os que choram.

*D. Amén. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

## Bairros desactualizados

NAS visitas que fazemos ao serviço do Património dos Pobres, procuramos também visitar os bairros do Património dos Pobres onde os há. Temos notado, com mágoa, que alguns estão desactualizados.

Numa cidade encontramos um deles com bastantes habitações, todas ocupadas e seus habitantes não sabem de quem é o terreno onde estão construídas. Uns dizem que era de dois senhores que já faleceram, há muito. Outros, que foi um padre que o comprou. O pároco actual, que agora foi ali conosco a primeira vez, garante que nada está em nome da Igreja.

Os ocupantes não pagam nada e queixam-se de que as moradias estão muito degradadas, os telhados a cair, janelas que não abrem com vidros partidos, portas que não funcionam, paredes a ficar muito sujas e esburacadas e casas de banho sem condições para servirem.

Que agora ali não aparece ninguém. Há anos, ainda por lá apareciam umas senhoras. Mas, deixaram de aparecer. Eles vivem das suas pequeninas reformas e não podem fazer obras. Sentem-se abandonados.

Ouvimos os seus desabafos, as suas queixas e ficámos preocupados e inquietos sem saber o que se poderá fazer.

NOUTRA sede de concelho, bastante industrial, encontramos o seu bairro do Património dos Pobres bastante danifi-

cado e com capacidade habitacional muito limitada. As paredes exteriores a mostrarem abandono. Os compartimentos pequeninos. As casinhas de banho só com sanita e lavatório em espaço acanhado e serventia pelo exterior. Portas exteriores remendadas com pedaços de chapa.

Um dos ocupantes, alcoólico permanente, é incómodo e, há tempo, pôs fogo a um monte de roupa que tinha no interior de casa e foi grande motivo de aflição para todos os moradores.

Escutámos os desabafos de todos os que quiseram. Naquele bairro vivem sozinhas quatro viúvas e todas têm os filhos a viver longe.

Ouvimos a senhora Maria. Mulher delicada e com sua casinha muito arrumada e aseada. Ficámos maravilhados com suas confidências: — *Vivo aqui há quarenta e cinco anos. Foi o senhor Padre Américo que me deu a chave. Ele era um homem alto, forte e todo vestido de preto dos pés à cabeça. Tinha um ar muito bondoso. Era um santo. Foi ele que nos deu estas casinhas. Aqui, criei os meus sete filhos e foram todos bem criadinhos, graças a Deus. São todos muito meus amigos e, de vez em quando, vou passar uns dias nas casas deles. Sou viúva, já há muitos anos. Tenho muito amor à minha casinha.*

Os moradores do bairro queixaram-se do abandono que sentem: — *Nos primeiros anos apareciam por aqui umas senhoras. Já há muito que não aparece ninguém! Dá-nos a impressão de que estamos abandonados!*



Rua de um bairro do Património dos Pobres

Notámos, ainda, algum desleixo exterior e interior. Logo à entrada avistam-se moradias já habitadas e ainda sem telhado e com bastante falta de acabamentos.

Encontrámos famílias mal informadas da situação das casas. Não pagam nada de renda e querem exigir muito: — *O padre, para aqui, não dá dinheiro. Só dá para os das barracas. Nós também precisamos.*

Vimos nos rostos de alguns a vida de pobreza a que têm de se sujeitar, quase sem reacção. Alguns que podem, pagam uma renda simbólica: cem ou cento e vinte escudos mensais.

PAI Américo insistiu sempre no aconselhar que só se construíssem casas onde houvesse vicentinos que pudessem acompanhar os seus utentes. Os Pobres podem mudar de habitação mas, o mais difícil, é mudar de vida. O mais normal é serem acompanhados pelos maus hábitos que já tinham. Muitas habitações destes bairros dão sinal disto mesmo.

«*A nossa casinha é o nosso encanto!*» — temos escutado muitas vezes. Era bom que escutássemos sempre.

Padre Horácio

## PENSAMENTO

Quisera amar como as Crianças sabem amar.

PAI AMÉRICO

JÁ longe, visitámos outro bairro, noutra cidade. Da última vez trouxemos dali fracas impressões. Nesta visita de agora pareceu-nos uma certa melhoria nos seus habitantes.

## Reflexão sobre a Escola

Continuação da página 1

*Não tenho dúvidas de que é a Instituição Escolar que está em crise. É muito fácil lançar as suspeitas, senão as culpas dessa crise, sobre a mocidade que a frequenta. Mas esta é fruto do que a Sociedade lhe deve e lhe não dá. Lhe não dá, a partir da Escola e de todo o vazio de valores — do respeito, do trabalho, do sacrifício, da honestidade... — com que a cerca. Num mundo em que se empola o ter em campanhas e reivindicações que abrangem todas as áreas da vida social — como há-de o ser medrar entre os mais frágeis da comunidade humana, que são as crianças e os jovens?*

Padre Carlos

## ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

A escolaridade é obrigatória. Bela afirmação. Onde estão todos os miúdos que desistem da escola? Quem vai à procura deles? Quem se interessa com a sua ocupação do tempo? Quem responsabiliza os encarregados de educação ou os pais?

Apresento um esquema muito simples dos processos escolares marginalizantes: Durante os primeiros quatro anos

o aluno vai passando, sem bases, porque precisava de tratamento especial e não o tem. Dado o número de alunos distribuídos a cada professor, esses alunos tornam-se indisciplinados e também vão crescendo, tornando imperioso que sejam passados para a frente. Chegam ao segundo ciclo e, por falta de bases e com a idade a desportar, a indisciplina aumenta e as faltas começam a aparecer. É um alívio eles não aparecerem nas aulas. Há tempos, uma professora por vocação, dizia-me a chorar: — *Reconheço que é um crime, mas não tenho alternativas e, quando eles não vêm, as aulas decorrem normalmente.* Quem vai à procura desses miúdos? Por vezes, os encarregados de educação e os professores submetem-se a um bom exercício burocrático de assinatura de projectos de recuperação, sendo certo que o resultado final é ou o encarregado de educação ter dado autorização para o menino ser retido no mesmo ano ou, então, passar para a frente sem bases porque é preciso que as estatísticas apresentem um nível considerável de sucesso. Entretanto, muitos vão desistindo e dizendo, pelas suas atitudes, que preci-

sam de ser considerados na sua diferença e, por isso, precisam de um ensino alternativo, dentro de áreas de aprendizagem profissional.

Remetem-nos para o Instituto de Emprego e Formação Profissional. Aí deparamos com uma brilhante apresentação de programas mas, na prática, ficamos de mãos vazias. Os miúdos ficam sujeitos a esperas até que o dito Instituto se decida por algum curso que seja necessário para a Região, sem garantias de que poderão prosseguir os estudos de uma outra maneira. Acresce ainda que a grande maioria dos cursos de aprendizagem se dirigem a quem tem o nono ano e não o segundo ciclo ou sexto ano. No Instituto de Emprego e Formação Profissional da área em que vivemos, de entre os dez cursos propostos para este ano, apenas um se dirige aos que têm o sexto ano.

Desejo ardentemente que o Ministério da Educação seja célere a resolver um problema que é grave e as consequências podem ser devastadoras para milhares de jovens.

Padre Manuel Cristóvão

## Moçambique

Continuação da página 1

Eu sei que há muito boa gente, ou que assim se julga, que pensa que o africano e, então, o vindo da rua, não merece, não sabe dar valor. Se eu assim pensasse, também não teria vindo para cá. Se depois de vir, tivesse razões para o pensar, já teria desistido. Mas eu vivo o Evangelho. Como posso ensinar-lhes que Deus os ama, senão por mim, através de todos os meus gestos para com eles? Como poderia educá-los, se os não considerasse como filhos e como razão do meu viver?

Aproveitei também para lhe dizer que não temos nenhum dos trabalhadores do campo a ganhar menos do que o dobro do salário mínimo. Como poderíamos educar para o trabalho, evitar roubos e criar confiança e amizade de quem é próximo de nós, se o não fizéssemos? Para que os nossos Ami-

gos, que nos mantêm, façam ideia, o salário mínimo desta Casa equivale a um pouco menos de oito contos e quinhentos. Quem ganha melhor, aqui em Casa, são os professores e não temos um, pago pelo Estado. O Primeiro-Ministro também anotou isso, pelo espanto que lhe causou. Tenho a certeza de que valeu a pena dizer-lho. E, além dos nossos rapazes, temos quase cem alunos da Aldeia, na Secundária.

Pois o nosso grande desafio é a partir de tudo o que damos aos rapazes, exigir deles o máximo na Escola e em toda a sua formação. Ora, os nossos dezoito professores ficam por oitocentos contos daí. Digo daí, por conversão em meticais das ajudas com que os leitores d'O GAIATO mantêm esta Casa — o que fazem certamente com o coração e com a mesma vivência da Fé.

Padre José Maria